

Quatro questões para o segundo mandato de George W. Bush

Álvaro de Vasconcelos

Na manhã do dia seguinte, tudo leva a crer que George W. Bush venceu as eleições. Quatro primeiros comentários e outras tantas interrogações – que é o mais fácil de fazer neste momento:

§ Ao contrário das eleições que em 2000 deram a Bush a presidência, estas foram não só muito participadas como decorreram, no essencial, sem problemas graves, apesar de a contagem final no Ohio poder trazer ainda algumas escaramuças legais. A saúde da democracia americana é importante para o Mundo, pois América é, para muitos, sinónimo de democracia. O funcionamento do sistema eleitoral, que precisa de ser reformado, não é porém o único sinal; não é menos fundamental o funcionamento do Estado de Direito e a neutralidade da Justiça perante as pressões ideológicas. *Será que no segundo mandato George W. Bush irá governar ao centro, tomando em consideração as preocupações dos que não votaram nele, ou imporá uma agenda ainda mais conservadora, contribuindo para uma maior divisão do país e uma maior fractura com a Europa?*

§ Se não for acompanhado por uma mudança de política, um novo governo de Bush agravará muitas das actuais crises internacionais, nomeadamente a iraquiana e a israelo-palestina. Indicador importante de alguma uma mudança de rumo do ponto de vista internacional será a nomeação dos responsáveis da defesa e da política externa. *Será que o Bush tirou as lições, à luz dos fracassos no Iraque, dos maus conselhos que lhe deram os neo-conservadores e irá ter uma agenda mais conforme à realidade? Ou, melhor, será que a situação no Iraque imporá uma inflexão política?*

§ Um novo mandato de Bush torna ainda mais imperiosa uma posição comum europeia sobre as relações com os Estados Unidos. A grande lição da crise interna a propósito do Iraque é que nem o alinhamento automático nem a oposição frontal tiveram qualquer influência na marcha dos acontecimentos. A coesão e a coerência da União são, hoje mais do que nunca, indispensáveis para impedir rupturas europeias e necessárias para *garantir* iniciativas multilaterais no maior número possível de questões. O que implica uma estratégia de envolvimento construtivo, mesmo que limitado na sua ambição, com a nova administração americana. *Será que os europeus tiraram as lições da crise iraquiana e darão um salto qualitativo na política externa e de segurança, fazendo da Constituição um poderoso factor de unidade?*

§ O primeiro teste para os europeus será definir uma atitude comum, na sequência dos resultados eleitorais, nomeadamente em relação ao processo iraquiano. Uma nova administração Bush não deve servir de alibi para a Europa se alhear da procura de boas soluções. Quer os que desejavam a vitória de Bush para nada mudar nas suas posições quer os que esperavam a vitória de Kerry para finalmente repensar a sua atitude devem, agora, responder a uma dupla questão: *É ou não a estabilidade do Iraque essencial para a Europa e, se o é, o que preconiza a União como solução para esta*

crise? Que alterações gostaria a Europa de ver na política americana para o Iraque, e de que forma a relaciona com a questão palestina?